

# SILÊNCIO E SEGREDO NO ÂMBITO DA MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO: UM ESTUDO PRÁTICO NA COLÔNIA DE PESCADORES 'BENJAMIN CONSTANT, Z-5'

SILENCE AND SECRET INTO  
INFORMATION MEDIATION FIELD:  
A PRACTICAL STUDY IN THE  
FISHERMEN'S COLONY 'BENJAMIN  
CONSTANT, Z-5'

**Deise Santos Do Nascimento**

**ORCID:** <https://orcid.org/0009-0007-8437-4032>

Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professora do curso de Biblioteconomia e do curso de Design da Universidade Federal do Cariri (UFCA).

E-mail: [deise.santos@ufca.edu.br](mailto:deise.santos@ufca.edu.br)

**RESUMO:** O artigo apresenta uma reflexão a partir de uma incursão no universo da exclusão informacional, que deu voz aos sujeitos e suas comunidades, especialmente quando se destaca uma sociedade com características pontuadas pelo binômio informação e tecnologia. A Ciência da Informação, através da responsabilidade social da ciência, com o foco na mediação da informação, tem orientado cientificamente encaminhamentos para a construção de espaços sociais mais democráticos, justos e igualitários. A mediação da informação é o conjunto das ações de interferência efetivadas por agentes ou profissionais da informação, propiciando a apropriação de informação parcialmente, satisfatória e/ou plena de uma necessidade informacional. O artigo objetivou investigar a mediação da informação na comunidade de pescadores do município de Lucena, litoral norte da Paraíba. Essa é uma pesquisa qualitativa, na qual adotou-se o método etnográfico, com orientação teórica da mediação da informação com inclinação epistêmica no interacionismo. O lócus foi a colônia 'Benjamin Constant, Z-5' situado no município de Lucena, litoral norte da Paraíba. Analisou-se dois fenômenos que podem ser problemáticos na mediação da informação: o silêncio e o segredo, sendo duas facetas de uma mesma moeda, a desinformação. O silêncio é uma construção latente da linguagem, ele não é um vazio e sem sentido, é o início de uma totalidade de significação. Sendo assim, o segredo implica também em atitudes como habituação ao silêncio, e ambos dificultam as relações sociais. Logo, são dois elementos que devem ser conservados nos estudos em ciência da informação e na mediação da informação como teoria e modelo. O resultado da pesquisa mostra que a ausência de práticas informacionais na colônia de pescadores ajuda a manter o estado de desinformação na comunidade de pescadores e reforça o princípio contraditório identificado nas falas dos pescadores e gestores. Assim, consideramos existir no processo de mediação uma tensão nas relações de poder constituídas na comunidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mediação da informação; Desinformação; Relações Sociais.

**ABSTRACT:** The article presents a reflection based on an incursion into the universe of informational exclusion, which gave voice to subjects and their communities, especially when a society with characteristics punctuated by binomial information and technology stands out. Information science through the social responsibility of science, with a focus on information mediation, has a scientific orientation, directions for the construction of more democratic, fair and egalitarian social spaces. The information science field through the science's social responsibility and with a focus on the information's mediation has been guiding scientific referrals to build social spaces more democratic, fair and egalitarian. Information's mediation is the set of interference actions carried out by agents or information professionals in which they provide partially the information's appropriation satisfactorily and fully in the informational need context. This work aimed to investigate the information's mediation in the fishing community from Lucena city localized in the Paraíba State north coast. This is a qualitative research that adopted ethnographic method, the in-

formation's mediation theoretical orientation of and the interactionism as epistemic inclination. The locus was the colony 'Benjamin Constant, Z-5' located in Lucena city. It analyzed two phenomena that can be problematic in information's mediation: the silence and the secrecy, being two facets of the same coin, disinformation. The silence is a latent construction of language, it isn't empty and meaningless, it is the beginning of a totality of meaning. Therefore, the secrecy also implies attitudes such as habituation to silence, both of which make social relationships difficult, so they are two elements that must be preserved in studies in information science field and information's mediation as a theory and model too. The research result shows that the absence of informational practices in the fishing colony helps to maintain the state of misinformation in the fishing community and reinforces the contradictory principle identified in the statements of fishermen and managers. Therefore, we consider that there is tension in the power relations established in the community in the mediation process.

**KEYWORDS:** Information mediation; Disinformation; Social relationships.

## 1 Introdução

Cada vez mais, a Ciência da Informação é um celeiro para as produções científicas que investigam a realidade informacional de determinados sujeitos, grupos, comunidade e populações. Isso demonstra que, como ciência social, ela está seguindo perfilada às questões do mundo pós-moderno, que necessitam de debates e que ela seja aplicável, uma vez que seu objeto tem características pragmáticas sociais (Freire; Silva, 2012).

A responsabilidade social da Ciência da Informação pode orientar esses encaminhamentos para a construção de espaços sociais mais democráticos, mais justos e mais igualitários, visto que a informação nos permite uma reflexão de modo mais amplo e plural sobre determinados contextos, como, por exemplo, as comunidades de pescadores.

Segundo Freire (2004), essa responsabilidade social é fortalecida pelo trabalho dos profissionais da informação, que devem procurar os mecanismos e os meios para a inclusão informacional da população, sobretudo daqueles que estão nas áreas sociais mais periféricas, como as comunidades de pescadores.

A mediação da informação é uma das diversas formas de se debruçar sobre esses sujeitos, grupos, comunidades e populações, pois ela é um conjunto das ações de interferência efetivadas por agentes que detém a informação ou profissionais da informação, as quais propiciam a apropriação de informação parcialmente, satisfatória e/ou plena de uma necessidade informacional (Almeida Júnior, 2009; Rosa; Lubisco, 2019).

Fazer uma incursão no universo da exclusão informacional é dar voz aos determinados sujeitos, grupos e comunidades. Especialmente pelo fato de estarmos numa sociedade com características pontuadas pela informação e pelas tecnologias, não se pode fugir dessas questões frente aos sujeitos e suas comunidades que tem uma carência diária de informação, de conhecimento e das habilidades necessárias para manusear os suportes tecnológicos por onde a informação tem sido veiculada com mais frequência e rapidez.

Assim, é imperativo debruçar sobre a mediação da informação no âmbito da incursão e exclusão, considerando os sujeitos, grupos e comunidade sobre as atividades pesqueiras, visto que ela é desenvolvida hoje no contexto mundial e envolve recursos de diferentes naturezas - passando pelos recursos naturais até os tecnológicos e as situações hierárquicas sociais, políticas e econômicas distintas (Kersten, 2007), ou seja, onde existe conflito de interesses estabelecido, em muitos casos através de acordos institucionais que interferem diretamente nos processos de gestão e no manejo dos recursos e de capitais intelectuais e financeiros das comunidades envolvidas com a atividade de pesca.

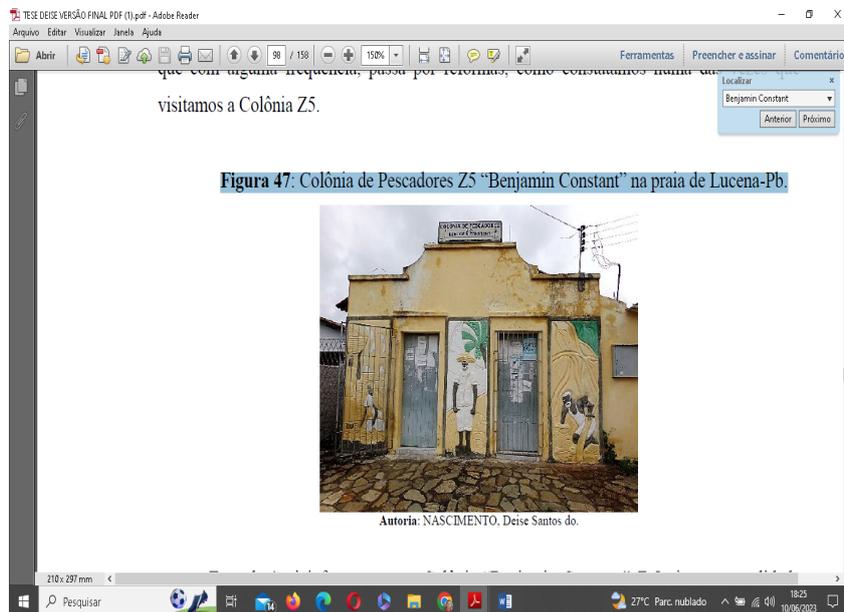
Diante do exposto, foi imperativo saber: como ocorre o processo de mediação da informação em comunidade de pescadores? Nosso objetivo foi investigar a mediação da informação utilizada pela comunidade de pescadores do município de Lucena, litoral norte da Paraíba.

## 2 Comunidade de pescadores do município de Lucena: Benjamin Constant Z-5

A colônia de pescadores “Benjamin Constant”, Z-5 (Figura 1) está situada no município de Lucena, cidade que teve processo de ocupação nos moldes estabelecidos pela coroa imperial portuguesa, que distribuiu, por doação feita às pessoas previamente selecionadas, as terras que pertenciam às chamadas capitâneas hereditárias (Silva, 2012).

Os registros históricos mostram que padres beneditinos foram beneficiados com a doação de terras às margens do rio Miriri, ainda no ano de 1596, quando essas terras, que hoje pertencem ao município de Lucena, eram rotas de passagem para os portugueses que tinham como destino a Baía da Traição (IBGE, 2016).

Figura 1 - Colônia de Pescadores Z5 “Benjamin Constant” na praia de Lucena-Pb.



Fonte: Nascimento (2023).

A criação das colônias de pescadores foi uma iniciativa do Estado no começo do século XX, e coube à Marinha do Brasil a responsabilidade de estruturar sua criação, sendo a primeira colônia de pescadores criada em 1919 na cidade de Belém, no Estado do Pará (Moraes, 2009).

Como as demais colônias de pescadores criadas no território brasileiro, a colônia Z-5 “Benjamin Constant”, também foi fundada por iniciativa da Marinha de Guerra, no ano de 1924, ficando a cargo da capitania dos portos da Paraíba, sua delimitação costeira. Localizada no município de Lucena, litoral norte da Paraíba, é uma das mais antigas entidades de representação dessa categoria no Estado da Paraíba e integra o grupo das primeiras colônias de pesca que foram criadas no Brasil.

Conforme seu estatuto, sua área de ação, além das praias citadas acima, encampa as localidades rurais, que compreende: Fazenda da Guia, Outeiro de Miranda e a Estiva do Geraldo. O corpo gestor é formado pelos seguintes membros: presidente, vice-presidente, primeiro secretário, tesoureiro e secretária. A duração do mandato da gestão é de 4 (quatro) anos, e ao término de cada mandato, uma nova eleição é marcada e os pescadores são chamados para escolher seus representantes que, em geral, são pescadores da própria comunidade.

A Colônia é bem localizada e de fácil acesso, funcionando para atendimento ao público de segunda à sexta-feira, nos horários da manhã e tarde, com intervalo de 2 (duas) horas para o almoço. Seu prédio é próprio, porém apresenta uma estrutura pouco conservada que, com alguma frequência, passa por reformas, como constatamos numa das vezes que visitamos a Colônia Z5.

Em relação à infraestrutura, a colônia “Benjamin Constant” Z-5 vive uma realidade complicada, marcada pela ausência de bens e recursos provenientes de outras fontes, sendo a única fonte de renda da colônia a contribuição que os pescadores pagam mensalmente. De acordo com informações fornecidas pelos associados, esse quadro é resultado da má gestão dos administradores anteriores, que dilapidaram o patrimônio existente na Colônia.

Apesar das dificuldades, a colônia é muito procurada pelos pescadores

que necessitam dos serviços assistenciais que são ofertados. No entanto, o nível de insatisfação com a gestão é visível e muito alto. Os discursos dos pescadores não convergem com os do presidente da colônia.

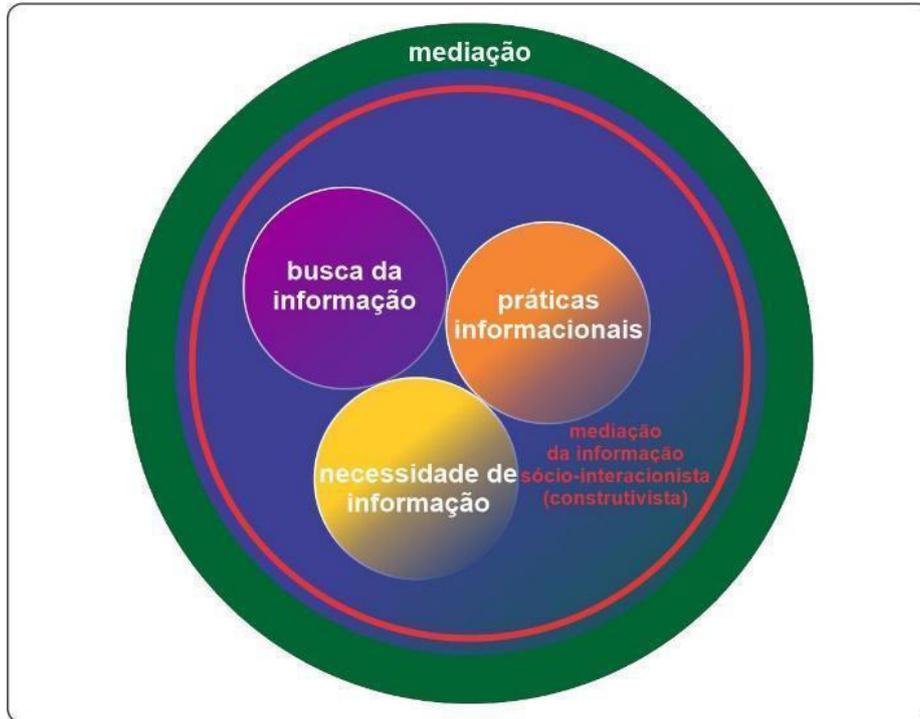
Como uma entidade de representação da categoria de pescadores, ela é filiada à Federação dos Pescadores e Aquicultores da Paraíba - FEPESCA-PB, sendo o órgão maior de representatividade desse segmento no Estado da Paraíba. De acordo com a FEPESCA-PB, atualmente existem 54 (cinquenta e quatro) colônias de pescadores, distribuídas em áreas desde o litoral até o sertão do estado.

### **3 Mediação da informação**

Kuhlthau (1993, p. 5) destaca a mediação (Figura 2) como uma intervenção da busca de informações e das aprendizagens a partir do acesso e uso das informações, assim possibilitando a superação de estados cognitivos, como, por exemplo, a satisfação de necessidades informacionais (Figura 2), essa podendo ser uma “[...] lacuna entre o conhecimento do usuário sobre seu problema ou tópico e o que o usuário necessita saber para resolver o problema”.

Essa interferência acontece ou pode acontecer a partir de ações e práticas informacionais (Figura 2), que, retomando a ideia de práxis e hábitos, ajudam a superação dos estados anômalos e cognitivos, devendo ser pensadas de acordo com as necessidades dos usuários a partir de sua situação e do contexto no qual ele está inserido.

Figura 2 - Aspectos íntimos da Mediação da informação



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Assim, a necessidade de informação precede a ação do sujeito de busca da informação e das práticas informacionais, e ambos estão dentro da mediação, logo da mediação da informação (Figura 2).

Nesse sentido, parece importante considerar os territórios que se configuram como espaços sociais, porque é neles que a necessidade de informação, a busca da informação e as práticas de informação ocorrem nas interações entre os sujeitos; em que a mediação da informação pode fazer a diferença no agir da coletividade, sobretudo quando esse coletivo é formado por populações menos favorecidas, comunidades periféricas, como uma comunidade de pescadores. Entender essa lógica é importante, porque as comunidades são espaços com muitas dinâmicas sociais, carregados de sentidos e significados, onde os sujeitos interagem e criam suas redes de relações, de comunicação e a mediação, que pode levar a outras possibilidades.

Suaíden (1995, p. 9,13) considera que uma comunidade “[...] ocupa sempre uma área territorial, é, pois, uma área de vida dotada de certo grau de coesão social, [...] e todas as relações sociais de alguém podem ser encontradas na comunidade”. Portanto, nesses espaços podem existir diferentes formas de mediação: mediação de conflitos, mediação cultural, mediação da informação, etc. O fato é que a vida em comunidade tem conflitos, e os sujeitos muitas vezes se veem obrigados a fazer escolhas que fogem à sua vontade. Por outro lado, a comunidade representa também possibilidades para compartilhar vivências, exercer a cidadania e transformar situações a partir de práticas sociais que promovam o acesso à informação e ao conhecimento.

A pluralidade que existe numa comunidade, ou seja, no campo social, dispõe de leis próprias e regras que podem interferir na vida dos sujeitos, levando-os a modificar suas práticas e dando outro sentido às suas ações. Os sujeitos no campo social vivenciam níveis diferenciados de relações, onde uns podem deter o capital intelectual e assumirem uma postura de dominadores em relação àqueles que possuem uma mínima parte desse capital, e que seriam assim, os dominados. Nesse sentido, Bourdieu considera que:

Compreender a gênese social de um campo, e apreender aquilo que fez a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram, é explicar, tornar necessário, subtrair ao absurdo do arbitrário e do não motivado os actos dos produtores e as obras por eles produzidas e não como geralmente se julga, reduzir ou destruir (Bourdieu, 2011b, p. 69).

O campo também oferece aos sujeitos estímulos para externar suas vontades mais subjetivas, que podem ocorrer de várias maneiras, direta ou indiretamente. Contudo, são sempre originados nos processos de socialização que vão se constituindo na sociedade, na medida em que ela vai se desenvolvendo.

A trajetória que cada um vai sedimentando na esfera social é orientada por um percurso, que nem sempre segue uma sequência linear, e isso tem desdobra-

mentos nas escolhas e no comportamento no campo social. Portanto, é imperativo pensar as práticas de mediação como ações livres de imposições, mas que sejam pensadas e planejadas para responder aos interesses e aspirações dos sujeitos - sobretudo em determinados campos sociais, onde há conflitos envolvendo grupos com ideias e posturas políticas e ideológicas divergentes. A articulação de práticas mediadoras que promovam o acesso à informação e ao conhecimento pode contribuir com a afirmação de valores individuais, e as entidades representativas de classes trabalhadoras têm a responsabilidade de criar mecanismos que favoreçam a participação desses sujeitos na sociedade.

A mediação da informação (Figura 2), que é uma forma de mediação, está intrínseca às relações humanas e tem a compreensão de que o usuário da informação é uma demanda às necessidades informacionais (Ribeiro; Almeida Júnior, 2022).

Toda ação de interferência – realizada em um processo, por um profissional da informação e na ambiência de equipamentos informacionais -, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; visando a apropriação de informação que satisfaça, parcialmente e de maneira momentânea, uma necessidade informacional, gerando conflitos e novas necessidades informacionais (Almeida Junior, 2015)

Como intrínseca às relações humanas, a mediação da informação pode ser ‘implícita’, que ocorre nos “espaços dos equipamentos informacionais em que as ações são desenvolvidas sem a presença física e imediata dos usuários. Nesses espaços ‘[...] estão a seleção, o armazenamento e o processamento da informação’”. Também pode ser de forma ‘explícita’ que acontece nos ambientes em que a presença do usuário é inevitável, é condição *básica* para sua existência, mesmo que tal presença não seja física, como, por exemplo, nos acessos à distância” (Almeida Júnior, 2009, p. 4).

Figura 3 - A mediação da informação implícita e explícita



Fonte: Mattos (2020)

Assim, pode-se afirmar que a mediação da informação é um processo encadeado e articulado, que envolve questões pedagógicas (mediação explícita) e questões técnicas (mediação implícita), e ambas se complementam no fluxo de ação de interferência indireta e/ou direta junto à comunidade de usuários (Mattos, 2020).

Na Ciência da Informação, nos estudos sobre mediação da informação, muitas questões são colocadas, manifestando a dimensão teórica constituída (e que ainda se constitui) sobre a temática. O pensamento de Varela, Barbosa e Farias (2014) apresenta uma variação de significados do termo em alguns campos de conhecimento ou contextos históricos resultante da interdisciplinaridade entre as disciplinas, que possibilita outras interpretações para um termo.

[...] jurídico diplomático, quando a mediação é um procedimento para resolução de controvérsias; no âmbito cultural, que é a mediação baseada em objetivos, permitindo a construção de sentido, sedimentando a relação do sujeito com o mundo; na abordagem sociológica comunicacional; na comunicação mediatizada, quando a mediação é o elo entre o emissor e o receptor, por meio do qual se fundam e asseguram a continuidade institucional da comunicação, neste caso a mediação manifesta-se por meio de uma linguagem, de um sistema de representações comuns a toda a uma comunidade a toda uma cultura, gerando um sistema social coletivo de pensamento, de relações de vida que correspondem a uma forma de identifi-

cação social equivalente a um pertencimento, na lógica da filiação e da subjetividade (Varela; Barbosa; Farias, 2014, p. 138).

Na Ciência da Informação, a mediação da informação tem sido estudada por diferentes abordagens e orientações teóricas, resultado da interdisciplinaridade como inclinação epistêmica. Para Guaraldo (2014, p. 218), a mediação da informação enfatiza “o caráter social da informação, de que a mesma não existe fora da sociedade e da cultura, demonstrando as singularidades da questão informacional, das condições de produção e apropriação da informação”. A mediação da informação é uma prática social, e como tal, se desenvolve através de ações no meio social, onde se constituem os processos de interações humanas, responsáveis por transmitir às outras gerações o conhecimento e os valores culturais dos grupos sociais que formam a sociedade. De acordo com Giddens (2009, p. 67), as práticas sociais são:

[...] procedimentos, métodos ou técnicas hábeis executados apropriadamente pelos agentes sociais”, sendo dinâmicas no tempo e no espaço e consideradas “herança de tradições, normas, regras e rotinas geradas e repetidas nas atividades diárias, que alcançam, assim, o caráter de algo legítimo[...] (Giddens, 2009, p. 67).

Segundo Bourdieu (2009, p. 135), as práticas sociais são “aptidões sociais, variáveis no tempo e no espaço, transferíveis, não estáticas, no interior e entre indivíduos da mesma classe e que fundamentam os distintos estilos de vida”. As práticas sociais possibilitam a comunicação da informação de diferentes maneiras e integram os sujeitos, enquanto indivíduos, a um coletivo social, viabilizando a apreensão de sentidos e significados das coisas (Moraes, 2012).

As práticas sociais estabelecem os vínculos na relação da cultura com a comunicação e a mediação da informação, e essa relação remete à tomada de consciência do sujeito humano dotado de capacidades, que lhe permitiam pensar e agir. A dimensão desse momento foi manifestada de muitas formas pelas sociedades, sobretudo pela ciência, que deu abertura para o desenvolvimento e a abrangência

de culturas, bem como para a geração e disseminação de novos conhecimentos.

Segundo Caune (2014, p. 8):

A relação entre cultura e comunicação trata-se de uma relação de inclusão recíproca que faz que um fenômeno de cultura funcione também com processo de comunicação; ou que um modo de comunicação seja igualmente uma manifestação da cultura.

A cultura e comunicação são dois fenômenos com implicações de reciprocidade, que projetam de maneiras diferentes universos simbólicos como representação da experiência de vida em contextos sociais onde ocorrem as ações e as práticas informacionais, que produzem efeito no estado de consciência dos sujeitos, levando-os a ter posicionamentos sociais mais demarcados na sociedade. Ao examinar os elementos constitutivos da cultura e da comunicação, Jean Caune (2014) considera que,

A cultura é apreendida como um conjunto muito complexo e diversificado de representações e objetos, organizados por relações e valores: tradições, normas, religiões, artes etc. A transmissão de conhecimentos de geração em geração, assim como a difusão dos valores e, também dos padrões de comportamento se efetivam segundo os encadeamentos dos atos de comunicação (Caune, 2014, p. 39).

A mediação da informação se desenvolve por meio da comunicação e, conforme Moraes (2012), os primeiros gestos, no sentido de estabelecer comunicação, feitos pelo sujeito, representam um processo de mediação da informação e da cultura. De acordo com Rodrigues (2000, p. 84), a mediação é um “processo de interlocução ou de interação entre os membros de uma comunidade, pelo qual se estabelece, alimentam ou reestabelecem laços de sociabilidade, constituindo assim, o mundo da vida”.

Assim, pensar a mediação (mediação de conflitos, mediação cultural, mediação da informação) como campo maior e que agrega necessidades informacionais, práticas de informação, pluralidade e comunidade (campo social) de intersecção à

mediação da informação, é pensar no modelo de mediação da informação sócio-interacionista (construtivista) desenvolvido por Farias (2014) a partir dos pressupostos teóricos do paradigma social da CI no viés sócio-interacionista (construtivista), que teve como fundamentos as teorias de outros modelos, como o modelo de desenvolvimento de competências intelectuais de informação de Sirvent e o modelo de comportamento informacional de Wilson. Para Farias (2014), o modelo de mediação da informação sócio-interacionista (construtivista) promove o protagonismo social e o empoderamento, pois ele aponta as:

[..] habilidades, conhecimentos e saberes como: procurar antever problemas, ir além do que é evidente, [...] saber utilizar os recursos disponíveis para obter sucesso [...], formulando estratégias [...] procurar antever possíveis questionamentos [...] mostrar hábil para superar obstáculos diários [...]; aprender a aprender, saber envolver-se também com a situação apresentada e se sentir estimulado a buscar cada vez mais melhorias para si e para sua comunidade. Dessa forma, a preparação para o acesso ao mundo do trabalho se configura como sendo uma das dimensões para se chegar ao protagonismo social (Farias, 2014).

Nesse sentido, é importante que o mediador não releve ou desconsidere os saberes e os conhecimentos pré-existentes nesses territórios, pois eles são importantes no processo. Existe uma dinâmica que conduz o funcionamento da comunidade, que é plural, onde as pessoas ali inseridas criaram suas próprias estratégias, sobretudo no sentido de ter acesso a informação, que em muitas situações, lhes é sonhada como consequência das relações que são estabelecidas. A responsabilidade de quem é mediador de ação de informação, especialmente nesses espaços, requer habilidades que vão além da preparação e do conhecimento técnico e especializado, porque, em muitos casos, não se trata apenas de satisfazer uma necessidade informacional de alguém, mas de uma situação que pode ter consequências em outros aspectos da vida em comunidade. Assim, tanto o sujeito que vai receber a ação informação quanto o que vai promovê-la (mediador), precisam compreender isso.

#### 4 Métodos e materias

É uma pesquisa qualitativa, pois ela valoriza o sujeito, uma vez que procura compreender os fenômenos levando em conta sua percepção e sua situação no contexto (Godoy, 1995).

Adotou-se o método etnográfico apoiado nas concepções da epistêmica do interacionismo simbólico, por compreender os sujeitos da pesquisa e também o pesquisador como agentes ativos, e não como partes permutáveis de um grande organismo que sofre passivamente a ação de forças externas a elas mesmas (Angrosino, 2009), (Mattos, 2001). No método etnográfico, o pesquisador, segundo Denzin (2009) mantém-se um nativo em alguma medida, sendo esse “[...] um instrumento para refletir o próprio processo do pesquisador torna-se familiar e obter insights no campo em estudo, o qual seria inacessível com a manutenção do distanciamento” (Denzin; Lincon, 2009, p. 210).

A explicação dos fenômenos sociais pelo método etnográfico possibilita os pesquisadores a sempre buscarem a possibilidade de extrair um entendimento melhor de fenômenos sociais marcantes da interação social, como a desigualdade social e as práticas sociais, que se desenvolvem em contextos complexos, como, por exemplo, as comunidades formadas por pequenos aglomerados humanos.

A Ciência da Informação como ciência social dá abertura para investigar os fenômenos que estão diretamente relacionados a ela - a informação e a tecnologia - por meio da pesquisa etnográfica, sobretudo porque tanto a informação como a tecnologia que integra a realidade social estão presentes nos contextos sociais, promovendo processos de interação. Nesse sentido, durante a pesquisa, tivemos a oportunidade de fazer conexões com outras áreas de conhecimento, que naturalmente se ocupam de questões de diferentes domínios, mas que podem perfeitamente ser associadas a esses de que trata a Ciência da Informação.

Uma das técnicas da etnografia é a observação participante. Ela possibilitou

conhecer o funcionamento da comunidade de pescadores, atentando para questões e comportamentos manifestados que revelassem alguns indícios relacionados à temática investigada, ou seja, à mediação da informação. O ato de observar é uma atividade que exige do pesquisador atenção máxima e utilização de todos os sentidos sensoriais (audição, visão, percepção, olfato), sobretudo porque os observados trazem consigo uma linguagem própria para se comunicar com seus pares, dando significado ao seu agir, conforme as situações vão surgindo.

Para Denzin e Lincon (2009, p. 207-208), a observação participante é uma das técnicas do método etnográfico. Ela é “[...] uma estratégia de campo que combina, simultaneamente, a análise de documentos, a entrevista de respondentes e informantes, a participação e a observação”. O autor considera ainda que dois aspectos diferentes devem nortear o entendimento sobre essa prática: primeiro, o pesquisador deve “cada vez mais, tornar-se um participante e obter acesso ao campo e às pessoas e, segundo, a observação deve passar também por um processo para torna-se mais concreta nos aspectos essenciais a pesquisa”. Para Spradley (1980), a observação participante tem três fases distintas: a observação descritiva, a observação focalizada e a observação seletiva.

A observação vai evoluindo de uma fase mais descritiva no início, em que o investigador procura obter uma perspectiva geral dos aspectos sociais, das interações e do que acontece em campo, a que se seguirão momentos de observação focalizada, após a análise dos dados anteriormente recolhidos, em que começa a ter como foco determinadas situações e/ou acontecimentos. Por último, a observação selectiva, depois de repetidas observações em campo, já no decurso da elaboração do relatório. São o “refinar” da observação, implicando regressar ao campo, na procura de diferenças entre categorias específicas já identificadas (Correia, 2009, p. 32).

Sobre o fluxo das três fases distintas no campo da pesquisa, Velho (1978, p. 39) considera que “o que vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico, mas até certo ponto conhecido”. Essas observações do autor chamaram nossa atenção,

especialmente porque tínhamos o conhecimento prévio do campo da pesquisa e uma relação, até certo ponto, próxima com algumas pessoas da comunidade, e isso conseqüentemente poderia ter sido um problema na hora de empreender essa prática.

Além da observação participante, utilizou-se outras estéticas-técnicas, como a técnica de observação, entrevistas, questionários, diário e máquinas fotográficas. O *locus* de pesquisa foi a Colônia 'Benjamin Constant, Z-5' que compõe a comunidade de pescadores situada no município de Lucena, litoral norte da Paraíba.

## 5 Discussão e resultados

O pressuposto principal de uma associação como a colônia de pescadores é assistir seus associados em suas necessidades, sobretudo naquelas que dizem respeito à atividade profissional, repassando informações (orientações) ao grupo no sentido de manter a categoria unida em prol de um propósito comum a todos.

Dessa forma, as práticas informacionais deveriam ser vistas como iniciativas importantes nesse processo, sobretudo porque podem estabelecer uma relação de colaboração e cooperação entre a associação e seus associados. Muitas ferramentas tecnológicas podem auxiliar no desenvolvimento dessas práticas, promovendo a interação e a troca de informação que ajude as pessoas a desenvolver habilidades e ir além de informações e experiências, que lhes dê autonomia em suas ações na comunidade.

Gonzalez e Gomez (1999), ao analisar as ações de informação, entendem que essas ações não podem ser pensadas considerando apenas o entendimento de quem propõe as ações, é preciso considerar as relações entre os agentes das ações e os contextos em que são realizadas. Ao entendimento da autora, acrescentamos que devem ser priorizadas as necessidades, atentando às limitações de cada sujeito, principalmente daqueles que não possuem as habilidades cognitivas para acompanhar as mudanças que vêm acontecendo na sociedade, e a propositura de uma

prática de informação deve considerar essas questões.

Esse foi o mote para se investigar as práticas de mediação da informação, norteadoras da relação informacional mantida pela colônia de pescadores com seus associados. A tese era que, a partir dessa análise, seria possível propor diretrizes para a estruturação de um novo regime de informação para a colônia de pescadores “Benjamin Constant”-Z5.

A primeira inferência deste estudo versa sobre as reuniões com os pescadores da colônia ‘Benjamin Constant, Z-5’, sendo a reunião a única prática de mediação da informação. Ela é de natureza ‘explícita’, pois este ambiente tem como usuários de informação os pescadores que acessam a informação como condição básica para exercer a atividade de forma mais consciente, especialmente no âmbito da saúde, da economia, trabalhista e de regras da atividade. Porém, todos os gestores admitem que não há clareza quanto à regularidade na ocorrência das reuniões, como determina o artigo 45 do regimento interno da colônia de pescadores, que estabelece a periodicidade das reuniões, devendo ocorrer mensalmente.

Esse fato interfere no âmbito da busca da informação, logo, nas práticas informacionais, pois essa irregularidade não dá conta dos fluxos de informação que são exponenciais na sociedade atual, e a reunião como única fonte de informação também é um fato problemático, e esse fato em si não promove, sobretudo, a *práxis* e *habitus*, que são as bases das práticas informacionais dos pesquisadores.

Os gestores demonstraram ter consciência da irregularidade e, mesmo assim, acreditam que a irregularidade não impede que a informação seja compartilhada posteriormente com os pescadores, que têm consciência da incongruência das falas dos gestores, como demonstra a figura 4.

Figura 4 – Falas que expressam Silêncio e segredo

**P1:** “e ninguém sabe nada nem sobre as contas da colônia”;  
**P5:** “esse pessoal não fala nada pra ninguém”;  
**P9:** “não é de confiança, gosta de fazer as coisas caladinho”;  
**P11:** “eu ainda desconfio que o presidente num diz tudo que sabe”;  
**PA17:** “[...] e faz tudo calado, num chama o pescador pra informar nada”,

Fonte: Dados da pesquisa, (2023).

A fala dos pescadores transparece um princípio contraditório, que coloca em dúvida o que afirmam os gestores. Os pescadores reconhecem que realmente não há uma regularidade para a realização de reuniões com o propósito de compartilhar informações, e estão convictos de que os gestores não fazem uma gestão transparente e participativa. Conseqüentemente, esse comportamento dos gestores é o que tem gerado o índice de insatisfação alto dos pescadores.

Figura 5 – Silêncio, segredo e desinformação



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Inferre-se que há dois fenômenos latentes na relação entre gestores e pescadores no âmbito da mediação da informação: se figura o silêncio e o segredo (Figura 5), as facetas de uma mesma moeda, a desinformação.

O silêncio (Figura 5) por si é revelador. Segundo Orlandi (2007), na análise da linguagem, o não-dito é construção latente da linguagem, ele não é um vazio, ou sem sentido, mas é o início de uma totalidade de significação (Orlandi, 2007). Já para Simmel (2009, p. 237), o lugar do silêncio é mais enaltecido que a fala, ele comunica aquilo que não precisa ser dito. Assim se produz uma zona de silêncio entre pescadores e gestores. Algumas trocas de olhares entre os pescadores durante as conversas e frases como: “é melhor *eu ficar calado*”, são indícios da relação da zona de silêncio estabelecida entre os gestores e pescadores.

Quanto ao segredo (Figura 5), para Simmel (2009, p. 237), “ele é valioso, independente do conteúdo, e o silêncio é a letra que pronuncia a existência desse segredo”. Assim, o silêncio também se constitui como uma força de socialização e não deixa transparecer as reais intenções. Para Maldonado (2011, p. 98), segredo “[...] implica também em atitudes como habituação ao silêncio, a cooperação, a confiança, elementos sem os quais ficaria difícil viabilizar as relações sociais”. Manter informação em segredo não é um privilégio desses sujeitos, é uma prática medieval, como mostra o livro “O nome da Rosa”, de Umberto Eco, muito utilizado na sociedade contemporânea.

O segredo e a informação permeiam as relações sociais, e conforme Mostafa e Maranon (1992, p. 204), apesar de serem contrários, “um não vive sem o outro, são polos opostos e complementares”. Schritzmeyer e Campos (2015, p. 1) observam que é importante discutir o segredo além das fronteiras das etnografias desenvolvidas na história e na sociologia, e defendem que outras áreas, como a Ciência da Informação, também abordem essa temática. Para as autoras, “isso evidencia a necessidade de uma maior sistematização do conhecimento [...] dos seus instrumentais teóricos e metodológicos para estendê-los e aplicá-los às investigações [...], focalizando-se

as facetas ‘ocultas’ das diferentes formações socioculturais”.

Na relação que se efetiva hoje no campo investigado, foi possível perceber que há coisas que devem permanecer em segredo. Algumas falas dos pescadores durante as conversas e frases como: “*esse pessoal não fala nada pra ninguém*”, foram indícios para acreditarmos que a relação estabelecida entre os gestores da colônia de pescadores e os pescadores é complexa e conflituosa, em uma zona de segredo onde somente os gestores estão inseridos. Os dados indicam que nem sempre é assim. Em outras gestões, essa relação foi mais harmoniosa e mais positiva em termos de ações e resultados para a categoria.

O silêncio e o segredo são categorias presentes no modo como a informação é disseminada na comunidade e implicam diretamente nas relações constituídas, não apenas no que diz respeito à atividade da pesca, mas também nas relações - que quase sempre são parentais. Esse é outro aspecto que não pode ser desconsiderado pelo mediador: os processos estruturais que se formam na comunidade são forjados tendo esses elementos em suas bases, sendo mantidos nas conversas do cotidiano. Nesse sentido, a Teoria Simmeliana do conflito, silêncio e segredo pode ser útil à Ciência da Informação.

E como falha na disseminação da informação, a desinformação se desencadeia como uma terceira inferência, uma moeda muito valiosa para os gestores. Assim, reter a informação em benefício, como mecanismo para manipulação e controle, é uma realidade muito comum e que não foge à percepção dos pescadores. Para Moura, Furtado e Belluzzo (2019), a desinformação (Figura 5) é compreendida por três dimensões: a falsidade, engano e/ou imprecisão, que pode ser criada propositalmente com prejuízo a sujeitos ou erroneamente, e que no âmbito da mediação da informação tem características da imprecisão, sendo um fenômeno à meia luz que provoca mais dúvida e incerteza. O silêncio e o segredo produzem esse fenômeno. Isso ocorre quando existe uma hierarquia corrompida, onde o desejo de poder é, também, um entre os fatores interacionais.

Assim, é imperativo a compreensão de que uma comunidade se constitui

por fatores dinâmicos e complexos, como a zona de segredo e as zonas de silêncio, que precisam ser apontadas como fatores que fragilizam a mediação da informação, pois são fatores que promovem interação social negativamente, que *a priori* produz sujeitos desconfiados e não protagonistas e empoderados, e *a posteriori* o conflito que marca a mediação da informação, impactando a relação a ponto de muitos pescadores desistirem da sua filiação à colônia “Benjamin Constant” e migrarem para outras colônias.

## 6 Considerações finais

Assim, em resposta ao problema da pesquisa, o processo de mediação da informação na colônia de pescadores “Benjamin Constant”-Z5 ocorre de maneira tensa, conduzida pelas relações de poder no âmbito da zona de segredos que envolve apenas os gestores e zonas de silêncios que envolvem pescadores e gestores.

O tempo dedicado à observação da dinâmica de trabalho dos pescadores confirmou a interferência dos aspectos de sociabilidade, silêncio, segredo e conflito nas práticas de mediação da informação que ocorrem na comunidade, e muitas vezes, são fomentadas pelas relações políticas e de poder que se constituem, colocando os pescadores em situações opostas. Esse conflito impacta a relação a ponto de muitos pescadores desistirem da sua filiação à colônia “Benjamin Constant”-Z5 e migrarem para outras colônias.

Analisar as práticas de mediação da informação e nortear a relação informacional mantida pela colônia de pescadores “Benjamin Constant”-Z5 permitiu compreender os fatores interacionais positivos e negativos que permeiam a mediação da informação, visualizar as diretrizes para a estruturação dos fluxos informacionais para a colônia e melhorar a mediação da informação como teoria e/ou modelo.

## Referências

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação e múltiplas linguagens. *Tendências da pesquisa brasileira em Ciência da Informação*, Brasília, v. 2, n. 1, p. 89-03, jan./dez., 2009. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/170/170>. Acesso em: 17 fev. 2022.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação: um conceito atualizado. In: BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo dos; SILVA, Rovilson José da (Org.). *Mediação oral da informação e da leitura*. Londrina: ABECIN, 2015.

ANGROSINO, M. *Etnografia e Observação Participante*. [S.l]: Artmed, 2009.

ARAGÃO, A.; FRANCH, M. "Meu pedido foi valido": uma etnografia no Santuário Nossa Senhora da Guia na cidade de Lucena – Pb. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/scholar>. Acesso em: 13 de mar. 2016.

BEAUD, S.; WEBER, F. *Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos*. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011b.

CASCUDO, L.C. *Jangada: uma pesquisa etnográfica*. São Paulo: Global Editora, 2002.

CAUNE, Jean. *Cultura e comunicação: convergências teóricas e lugares de mediação*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

CORREIA, Maria da Conceição Batista. A observação participante enquanto técnica de investigação. *Pensar Enfermagem*, Lisboa, vol. 13 n. 2, Semestre de 2009.

SPRADLEY, J. *Participant observation*. Fort Worth: Harcourt Brace College Publishers, 1980.

DIAS NETO, J. C. Quanto custa ser pescador artesanal?: etnografia, relato e comparação entre dois povoados pesqueiros no Brasil e em Portugal. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

DIAS NETO, J. C. Segredos, pescadores e etnógrafos. *Vivencia - Revista de Antropologia*, Natal, RN, n. 40, p. 121-129, 2012.

DENZIN, N. K; LINCON, I. S. *O Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GERBER, R. M. *Mulheres e o mar: uma etnografia sobre pescadoras embarcadas na pesca artesanal no litoral de Santa Catarina, Brasil*. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2013.

DIEGUES, A. C. A sócio-antropologia das comunidades de pescadores marítimos no Brasil. *Etnográfica*, v. 3, n. 2, 1999.

FARIAS, M. G. G. Análise da produção, implementação e avaliação de um modelo de mediação da informação no contexto de uma comunidade urbana. 2014, 283f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/17910/1/2014\\_tese\\_mggfarias.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/17910/1/2014_tese_mggfarias.pdf). Acesso em: 10 jun. 2023.

GERBER, R. M. *Mulheres e o mar: uma etnografia sobre pescadoras embarcadas na pesca artesanal no litoral de Santa Catarina, Brasil*. 2013, 391f. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade Federal de Santa

Catarina, 2014.

FREIRE, G. H. A.; SILVA, J. L. C. A configuração do campo da ciência da informação: marca de uma identidade. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v. 22, p. 161-174, Numero Especial, 2012.

GASKELL, G. Entrevistas Individuais e grupais. In: BAUER, Martin W. ; GASKELL, George. *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, v. 35, n. 3, 1995.

GONZALEZ DE GOMEZ, M. N. Da política de informação ao papel da informação na política contemporânea. *Revista Internacional de Estudos Políticos*, Rio de Janeiro, RJ, v. 1, n. 1, p. 57-93, abr. 1999.

GIDDENS, A. *A Constituição da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

GUARALDO, T. S. B. Mediação e apropriação da informação nas cartas de leitores: práticas de informação e leitura do jornal bom dia Bauru. *Informação & Informação*, Londrina, v. 19, n. 2, p. 215 - 240, maio/ago. 2014. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/35656>. Acesso em: 23 jun. 2023.

KUHLTHAU, C. C. O papel da biblioteca escolar no processo de aprendizagem. In: VIANNA, M. M.; CAMPELLO, B.; MOURA, V. H. V. *Biblioteca escolar: espaço de ação pedagógica*. Belo Horizonte: EB/UFMG, 1999.

IBGE. Censo Demográfico 2012: características da população e dos domicílios; resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/>. Acesso em: nov. 2015.

MATTOS, M. C. C. M. *Ações culturais e sociais em biblioteconomia*. Indaial: Uniasselvi, 2020.

MORAES, M. B. As transformações dos processos de mediação da informação nos currículos de formação do bibliotecário brasileiro no contexto da sociedade da informação. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

MOSTAFA, S. P. MARANON, E. I. M. O segredo, a informação e a cidadania. *Revista de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, jul./dez., 1992.

MOURA, A. R. P.; FURTADO, R. L.; BELLUZZO, R. C. B. Desinformação e competência em informação: discussões e possibilidades na arquivologia. *Ciência da Informação em Revista*, v. 6, n. 1, p. 37-57, 2019. DOI: 10.28998/cirev.2019v6n1c. Acesso em: 13 jun. 2023.

ORLANDI, E. P. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

RIBEIRO, M. A.; ALMEIRA JÚNIOR, O. F. Da mediação a apropriação da informação: um olhar para o usuário da informação. *Revista de Biblioteconomia e Documentação*, v. 18, n. 2, p. 1-17, 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/202682>. Acesso em: 10 jun. 2023.

ROSA, A. D. S.; LUBISCO, N. M. L. A motivação para o bibliotecário: elementos motivadores e desmotivadores. Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação, n. XX ENANCIB, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/124014>. Acesso em: 02 maio. 2023.

RODRIGUES, A. D. *Dicionário breve da informação e da comunicação*. Lisboa: Presença, 2000.

SCHRITZMEYER, A. L. P.; CAMPOS, M. J. *Tópicos de Antropologia da Política e do Direito (Antropologia do Segredo)*, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://antropologia.fflch.usp.br/sites/antropologia.fflch.usp.br/files/u65/fla0371-2015-2.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2023.

SIMMEL, G. El secreto y la sociedad secreta. In: SIMMEL, G. *Estudios sobre las formas de*

socialización. Madrid: Alianza, 1983.

SIMMEL, G. A sociologia do segredo e das sociedades secretas. Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, EDUFSC, v. 43, n. 1, p. 219-242, Abr./2009.

SPRADLEY, J. Participant observation. Fort Worth: Harcourt Brace College Publishers, 1980.

SILVA, Rubens. Elias da. Guiado por mares e peixes: memória social, inovação tecnológica e o processo de fragmentação na pequena pesca comercial simples em duas comunidades costeiras do Rio Grande do Norte. Tese (Doutorado em sociologia), Universidade Federal da Paraíba, 2012.

SILVA, Suana Medeiros. Pesca artesanal: a história, a cultura e os (des) caminhos em Lucena/PB. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

SUAIDEN, E. Biblioteca Pública e informação à comunidade. São Paulo: Global, 1995.

VARELA, A. V.; BARBOSA, M.; FARIAS, M. G. G. Mediação em múltiplas abordagens. Informação & Informação, Londrina, v. 19, n. 2, p. 138 - 170, maio/ago. 2014

VELHO, G. Observando o familiar. In: NUNES, E. O. (Org.) A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar. 1978.